



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

Carlinhos, detective por acaso

Por MARIA ARCHER

O sr. Manuel Felisberto, quando vendeu a colheita desse ano, guardou ao canto da arca o melhor de dez contos. Então, disse aos seus botões:

—Vou até Lisboa, para me divertir.

Era êle um destes lavradores de casca grossa, letras gordas e pé de boi. Isto, é claro, são modos de falar. Mas o sr. Manuel Felisberto era assim...

Chegou a Lisboa e desembarcou no Terreiro do Paço. Embasbacou logo para a estátua do rei D. José. Ih! que rica obra! — dizia êle. — Aquilo sim, era coisa asseada! Andou às voltas, a vêr os pés do cavalo, os arreios, as botas do rei e outras maravilhas para o seu bestunto.

Nisto, chegou-se ao pé dêle um sujeito bem vestido, com aneis de brilhantes, corrente de platina, alfinete de gravata com pérolas e rubis, relógio de pulso em ouro, e disse-lhe assim:

—O senhor, por mais que me digam, é de Fragude... Era verdade! O sr. Manuel Felisberto era de Fragude! E ficou logo muito contente e respondeu:

—Sou, sim, senhor. E o amigo, querem vêr que é lá dos sitios? De Castro, talvez... Ou de Ourique...

—Nada, nada — respondia o outro. — Sou de São Sebastião. Lembra-se do Zé Barabanço?

—Zé Barabanço? — dizia o Manuel Felisberto. — Não, não conheço

— Pois era meu pai. Fui com êle para o Brasil, tinha eu dez anos. Lá é que fizemos fortuna. Já foi há tempos, foi...

—Ah! — respondia o Manuel Felisberto — logo vi, por isso eu me não recordo dêle.

—E' claro, quando eu tinha dez anos ainda o senhor não era nascido. Mas já por lá tenho andado... Aqui há tempo, estive para comprar a herdade dos Toucinhos. Oh! que bela propriedade!

—Que riqueza! — respondia o Manuel Felisberto. — Teras de pão como não há outras... E para os porcos, isso então!!!...

— Em Castro deitei os olhos para a herdade de Calcines... Mas pediram-me um dinheiro... — dizia o Barabanço.

— Ah! êles não a vendem.

Assim discorrendo, começaram a andar. A conversa continuava. O tal Barabanço conhecia a palmas Fragude e seus arredores. Dizia-se amigo de toda aquela gente, boa gente dinheirosa e mostrava conhecê-los. De modo que o Manuel Felisberto passou a tratá-lo como amigo e convidou-o a beber uma cerveja.

A' noite, foram juntos ao teatro e no teatro encontraram um primo do Barabanço. A conversa mudou. Desataram a

falar de negócios. O tal primo tinha, segundo dizia, uns negócios entre mãos. Faltavam-lhe dez contos. Era coisa para se ganhar outros dez, dum dia para o outro, afirmava êle. A falarem no assunto, vieram para a rua e foram andando

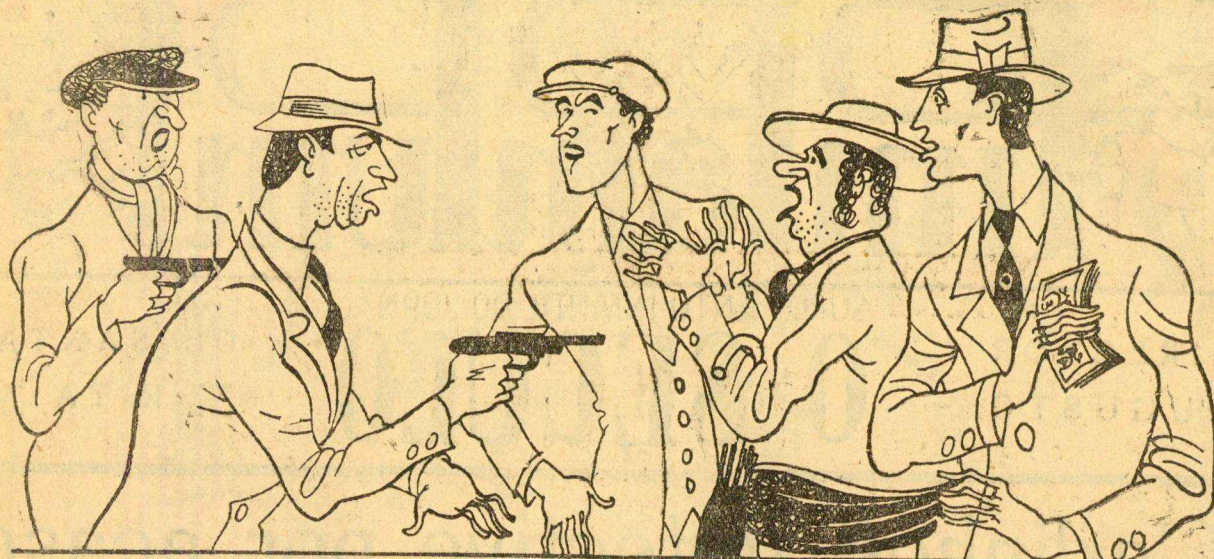


a pé para uma cervejaria que o Manuel Felisberto indicou. No caminho, pararam e o Barabanço pediu ao Manuel Felisberto:

— O' amigo, isto é só até amanhã, mas você podia emprestar-me os dez contos? Amanhã vou ao Banco, dou-lhos logo..

— Da melhor vontade — respondeu o Manuel Felisberto.

E abriu a camisa, puxou um saquinho que trazia pendurado do pescoço, para mais segurança dos gatunos, e tirou as dez notas de conto, que entregou ao amigo Barabanço.



ARCINDO

Eles tinham parado numa esquina. Carlinhos, o engraixador, adormecera junto da caixa dos frascos e escovas, e ninguém dava por êle na sombra do portal. Mas o barulho despertara-o e o pequeno seguia tôda a conversa. Viu os dez contos nas mãos do amigo Barabanço e...

Nesse momento, quatro individuos surgiram da rua vizinha, puxaram das pistolas e exclamaram:

—Mãos no ar! Estão presos, seus moedeiros falsos!

O Barabanço e o primo desataram a fugir, perseguidos pelos quatro homens. Só o senhor Manuel Felisberto ficou parado, aparvalhado, sem perceber o que se passava, sem perceber que o roubavam!

Mas Carlinhos, o engraixador, corria na peügada do homem que levava os dez contos. Sim, êle compreendera, num relance, que aquilo tudo era fita, que era como nos filmes americanos...

Em breve viu os seis homens entrarem numa leitaria. Êle, com a sua caixa de engraxador, aproximou-se e perguntou: — Gaixa?

O Barabanço fez sinal que sim e estendeu os pés. Carlinhos começou logo a limpar, a engraixar, a lustrar, e a ouvir a conversa, é claro. Os cúmplices tratavam o assunto por meias palavras, mas êle, que assistira ao roubo, percebia tudo. Viu-os dividirem o dinheiro. E, depois, enquanto engraixava outros fregueses, ouviu-os dizer, na despedida: —Até amanhã, no «bar» Infernal... A' hora do almoço...

No dia seguinte, à hora do almoço, o «bar» Infernal tinha um novo «groom» que, com a sua barretina muito alta, os botões dourados na farda, metia um vistão. Ninguém reconheceria nele Carlinhos, o engraixador...

(Continua na página 3)

A ESPERTEZA do GULOSO

POR ALBERTO NEVES

O Manuel Alves Vicente,
— Estudante aplicado —
Sendo esperto e inteligente,
E', porém, muito maldoso;
É muito, muito guloso,
Chega a ser um lambareiro...



— Há dias, todo lampeiro,
Silencioso,
Correu ao açucareiro...
Todavia,
—¿ Quem diria? —
Aparece o seu Papá,
Que o tinha estado a espreitar...
E o lambareiro, então,
Ao vê-lo põe-se a cantar,
Para melhor disfarçar...

Mas, o Pai
Volve ríspido e severo:
— «Ai, ó Manuel, ouve; eu quero
Que tu me digas já, já,
Que estavas aqui fazendo!?

Logo, Manuel, sempre esperto,
Responde:
— «Eu 'stava aqui, distraído,
Divertido,
A cantar
O fado da... do... «Mineiro»,



E... sem querer,
Puz-me a comer
O que continha
O açucareiro...>

AGRADECIMENTO

Da nossa amiguinha e entusiástica leitora do «Pim-Pam-Pum», menina Maria Célia Cardoso dos Santos, recebemos um casaquinho de malha, confeccionado por suas próprias mãozinhas, e destinado a um recém-nascido.

Em nome dos pobrezinhos pais e no nosso, aqui lhe expressamos profundo reconhecimento. Bem haja!

PARA OS MAIS PEQUENINOS

ESPERTEZA DE RATO

POR MANUEL FERREIRA

NAO havia bicharoco mais maldoso, na fazenda do tio António, do que o rato Abanico.

Era um ratinho cinzento e lustroso que levava todo o tempo a pregar partidas — algumas bem desagradáveis — aos outros animalzinhos.

Uma vez, com uma brincadeira, fizera com que a centopéia ficasse sem três pares de patas. Devido ao rato, Dona Minhoca, bichinho de avançada idade, fôra parar ao bico do pato Patarco.

Os bichos fugiam do seu convívio e queixavam-se ao môcho, um velhote, com fama de sábio, que morava num burauquinho próximo. Como nada podia fazer contra o Abanico, encolhia as asas e piava:

— Esperem, bicharocos, que o malvado há-de ter o seu castigo. *Tantas vezes vai o cântaro à fonte...*

Certa vez, veio morar para a porta do tio António, uma lesma pardusca e luzidia.

Era um tanto ou quanto viajada. Viera de um sítio distante dez léguas, em cima de uma saca de adubo.

Divertida, era o enlêvo da bicharia da quinta, a qual, reunida, junto da couve onde a lesma morava, não se cansava de ouvir anedotas.

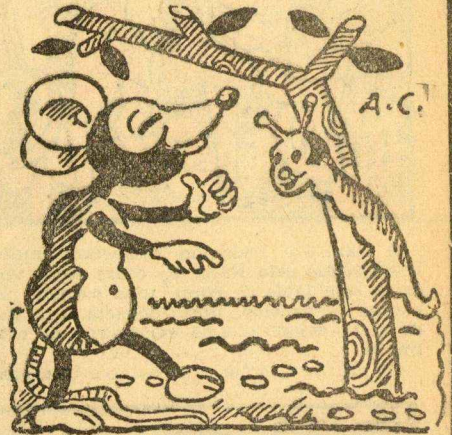
O rato Abanico, invejoso, não podia levar à paciência o prestígio da lesma. Matutou na maneira de a fazer desapparecer.

Se bem o pensou, melhor o fez. Daí a dias, o rato convidou a lesma para uma visita ao pátio da casa do tio António.

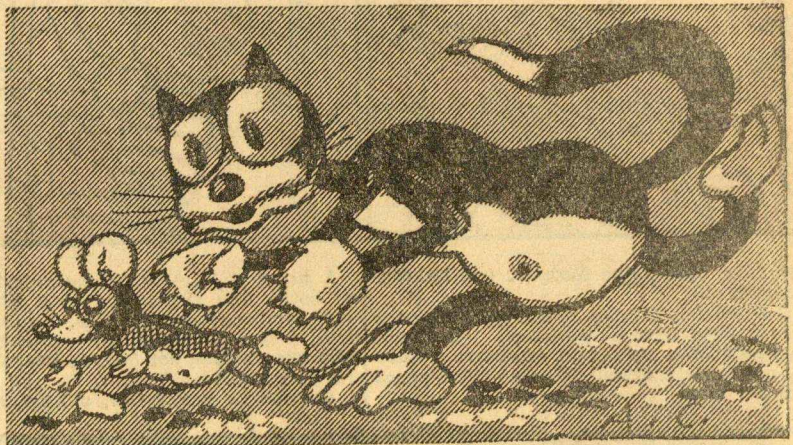
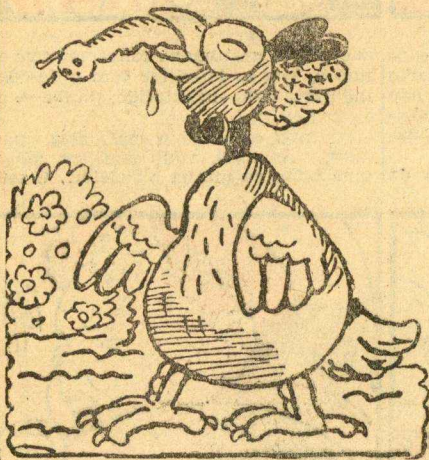
A lesma ficou radiante. Acompanhada pelo Abanico, dirigiu-se ao local indicado.

Porém, recuou, assombrada. No pátio esgaravatando, uma galinha procurava bichinhos para alimentar a sua ninhada de pintos.

Compreendeu tudo. O rato pregáralhe uma partida. Mas a lesma recusou-se a caminhar e escondeu-se num molho de vides.



a horta pelo mesmo caminho que havia trazido.



O rato barafustava mas a lesma não saía do seu poiso,

Nisto, o Tareco — um gatarrão de palmo e meio — que ouvira os guinchos do rato, pôs-se à espreita, e, quando menos o Abanico esperava, saltou-lhe em cima.

Escusado será dizer que era uma vez um rato maldoso. A lesma, logo que viu a galinha afastar-se, voltou para

Ao chegar com a notícia da morte do Abanico, todos os bichos, bichinhos e bicharocos respiraram fundo, dando razão às palavras do velho môcho:

— *«Tantas vezes vai o cão ao moínho que lá lhe fica o focinho...»*

Foi o que sucedeu ao malvado rato Abanico. Tantas maldades fez que recebeu o castigo.

Carlinhos, detective por acaso

(Continuado da página 2)

E havia duas mesas ocupadas com uns hóspedes que comiam pouco e olhavam muito...

Daí a bocado, Carlinhos, com o tabuleiro dos cigarros, aproximou-se duma mesa onde se sentavam seis homens mal encarados.

— Cigarros? — perguntou êle.

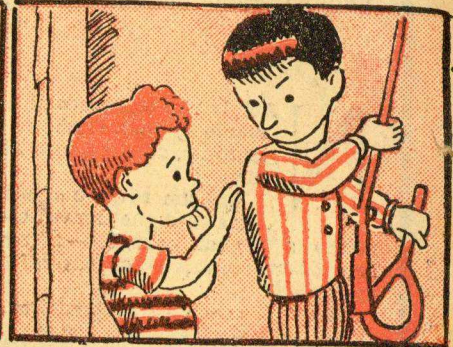
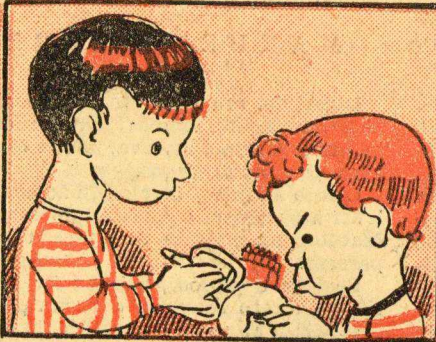
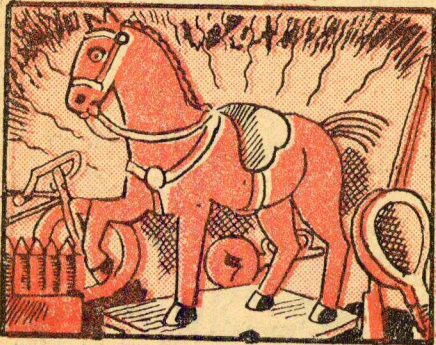
Era o sinal combinado com os policias. Estes levanta-

ram-se das mesas, onde fingiam almoçar, e, com uns modos naturais, sem se fazerem notados, tomaram posições estratégicas. De repente, gritaram:

— Mãos no ar!

A mesa estava cercada, os ladrões caíram no laço, o sr. Manuel Felisberto recuperou o seu dinheiro e deu ao Carlinhos uma bela recompensa.

Os presentes de Natal do Raul e do Pedrinho



O Raul e o Pedrinho receberam muitos brinquedos pelo Natal e, entre eles, uma caixa com lápis de cores, uma corneta, um cavalo de papelão, uma bicicleta, um jogo de «Ping-pong» e uma espingarda de estalinhos.

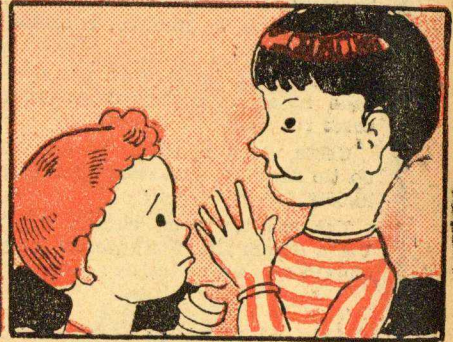
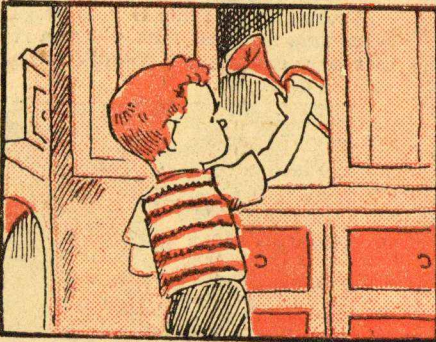
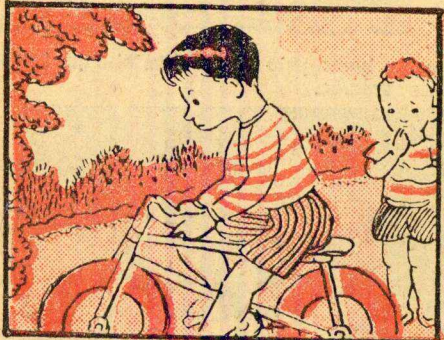
mas o Raul, não querendo atender a isso, dizia que a corneta e os lápis de cores, eram do Pedrinho e os outros brinquedos eram só dele.

quais o seu irmão Raul chamava seus, e todo ele se extasiava a olhar para eles.

Os presentes eram para os dois brincarem

O Pedrinho ficava a fazer beicinho, porque os seus encantos eram os presentes, aos

O Raul, porém, nem sequer deixara o Pedrinho brincar com eles e, por mais rogos que o irmão mais pequenino lhe fizesse, ele recusava-se obstinadamente a deixá-lo brin-



car, fôsse com o que fôsse, do que ele considerava seu.

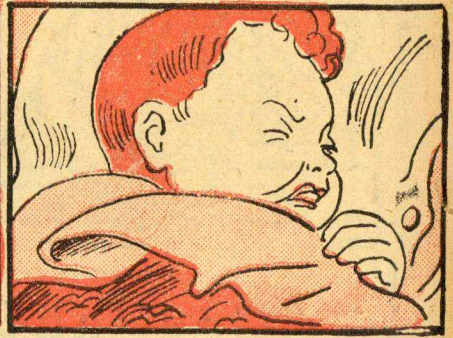
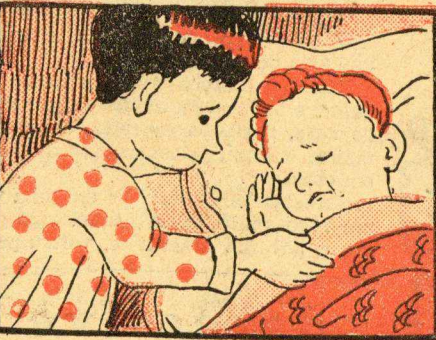
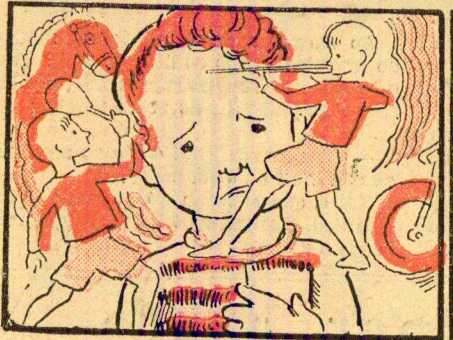
O Pedrinho ficava-se muito triste, a olhar para o Raul que, muito ufano, todo o dia se bambaleava no cavalo, percorria o quintal na bicicleta, exercitava-se no «Ping-pong» e fingia que atirava aos pássaros.

A noite, o Raul guardava os brinquedos no sótão que ficava por cima do quarto onde ambos dormiam mas, também, não deixava lá guardar os brinquedos do Pedrinho que tinham, por isso, de ficar no armário da cozinha.

adormecer, costumava conversar com o Pedrinho e, sem se importar com o desgosto que lhe dava, todo envaidecido, punha-se a gabar os brinquedos.

Quando se iam deitar, o Raul, antes de

«O meu cavalo é o mais alto que tenho visto... Amanhã, vou, com um amigo, dar uma volta na minha bicicleta... O meu jogo



de «Ping-pong» tem umas raquettes esplêndidas... A minha espingarda parece mesmo uma espingarda de «cow-boy»...

O Pedrinho alegava que os brinquedos também eram dele.

— «Nada... Nada — (respondia o Raul.) O cavalo, a bicicleta, o «Ping-pong» e a espingarda, é tudo meu, só meu, muito meu. O que é teu é o que está no armário da cozinha.»

Uma noite, o Raul acordou sobressaltado. Ouvia-se grande ruído no sótão onde estavam guardados os brinquedos.

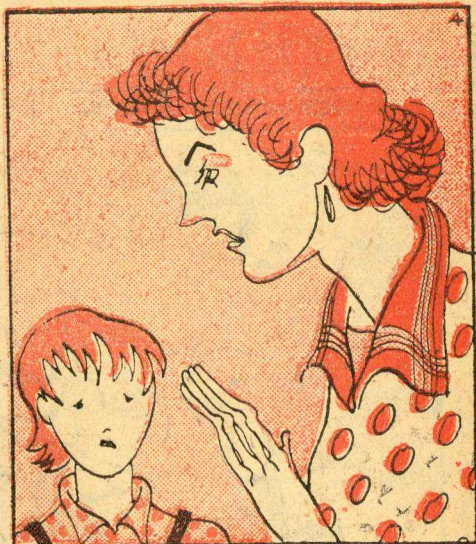
Aflito, chamou o irmão.

— «Pedrinho... Pedrinho... olha que estão ladrões no sótão... Vão roubar os brinquedos... Depressa, levanta-te e vamos chamar o Papá...»

— «Ora! — (respondeu o Pedrinho, aconchegando a roupa e voltando-se para o outro lado). — Bem me importa a mim que roubem os brinquedos do sótão. — Não está lá nada que seja meu!»



CULPAS E DESCULPAS



Por LEONOR de CAMPOS

Ouviu-se um grande estrondo. Logo em seguida... tlim tlim tlim! vidros a partirem-se!... E depois... silêncio... um silêncio absoluto!...

A mãe, apavorada, correu para o escritório, donde se lhe afigurou que provinha o ruído. Atraz dela foi o José e a seguir a Maria e mais a Ana.

Ao chegarem à entrada estacaram, sem poderem pronunciar palavra, sufocados de espanto e indignação.

Em frente da secretária, de olhos baixos, braços caídos e bochechas vermelhas, como o fôgo do inferno, estava a Rita Maria.

Debaixo do sofá, o Piloto, de orelha murcha e cauda entre as pernas.

No chão, de mistura com os restos da estatueta que caíra

de cima da prateleira, estava o tinteiro de cristal, feito em pedacinhos. E, a um canto, a bola de borracha.

A mãe compreendeu o sucedido. Respirou fundo e conseguiu articular, em tom severo:

— «Que quere dizer isto, Rita Maria?»

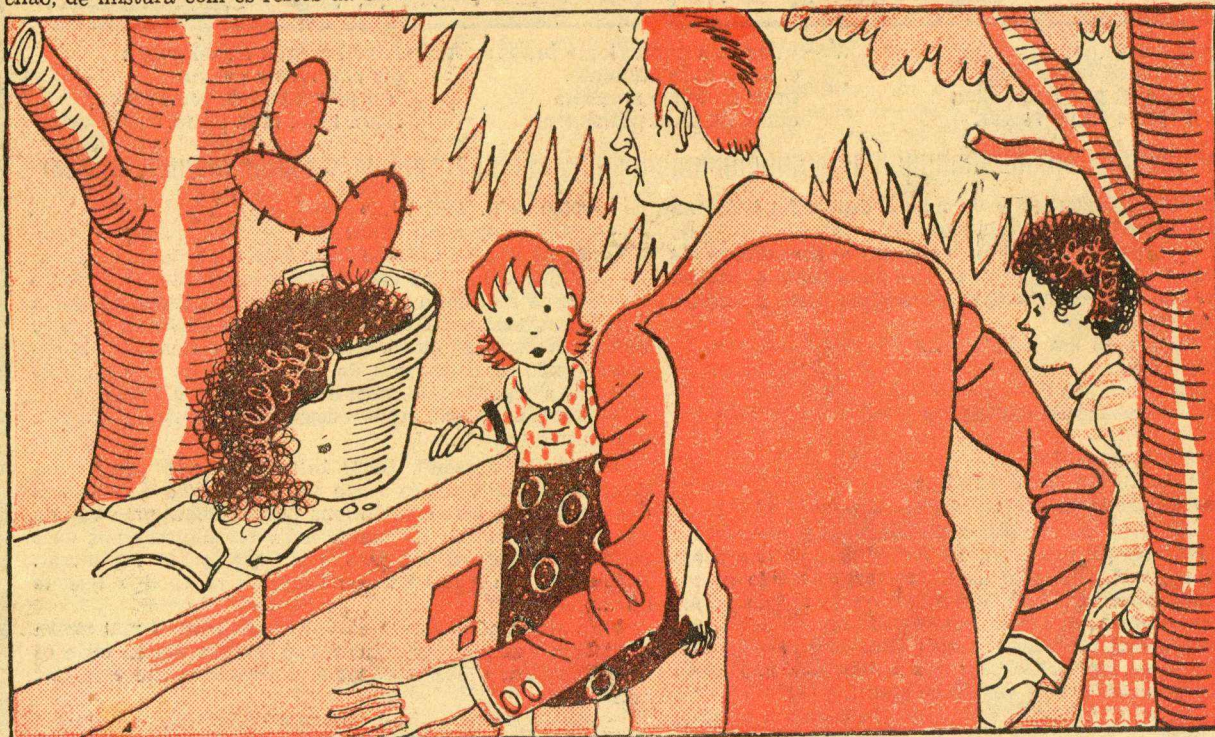
A pequena ergueu a cabeça e, em voz trémula, a gaguejar, respondeu:

— «Não sei, mã... mã... mã... zinha!... Não per... per... cebo co... mo su... sucedeu!... »

— «Não percebe?»

Rita Maria tomou fôlego e, já mais à vontade retorquiu:

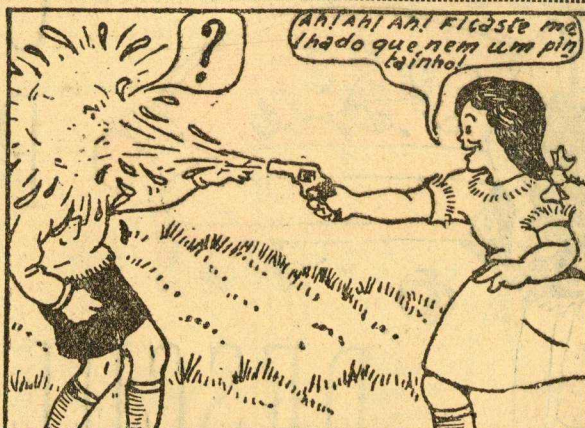
— «Não... Não percebo!... Eu vinha no corredor e depois precisei de vir ao escritório e depois o Piloto deu um salto e



A DESFORRA do PRIMO JUCA

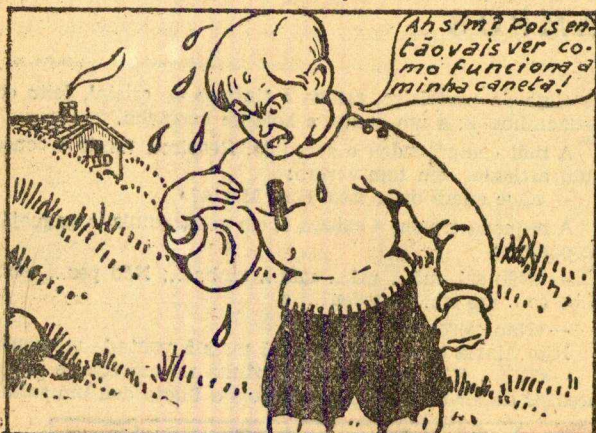


I — A tia da Luizinha, agora, pelo Natal, deu-lhe um pulverizador que era um revólver tal qual.

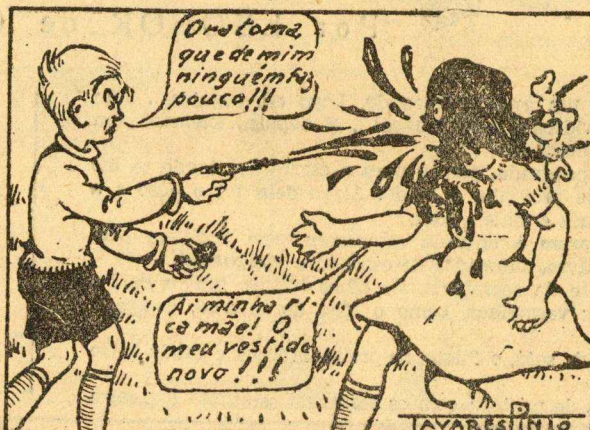


II — Como é levada da bréca, ao ver o priminho Juca, declarou que ia matá-lo e desfechou: — «Truca, Truca!...»

III — O esguicho, então, foi tamanho, deixou-o tão encharcado, que nem um duche, no banco, poderia nesse estado,



IV — O nosso Juca, furioso, vingança jurou tirar, até que, por fim, achou a forma de se vingar.



V — «Vamos a contas!...» bradou e, logo, todo contente, tirou do bôlso a caneta que é de tinta permanente.

VI — Nisto, o Juca transformou em revólver a caneta. E a priminha que era branca, ficou tóda, tóda preta.

depois a bola escapou-se-me da mão e depois foi bater na prateleira e depois caiu a estatueta...»

— «... e depois caiu sobre o tinteiro e partiram-se as duas coisas — interrompeu a mãe. — Tudo isso é sabido. Agora, vamos lá a contas: «Que necessidade tinha a menina de vir ao escritório?»

— «Precisava de um lápis!...» ...

— «Para quê?»

— «Para as minhas lições...»

— «Então que fez ao seu lápis?»

— «Perdeu-se!...»

— «Quem o perdeu?»

— «Não sei!... Eu cá não fui!...»

A mãe zangou-se a valer:

— «Basta, Rita Maria. Basta de mentiras e desculpas... Vinhas aqui buscar um lápis, às escondidas, porque sabes que te castigaria por, mais uma vez, teres perdido o teu. Vinhas, de brincadeira com o Piloto, a atirar a bola ao ar, contra as minhas expressas recomendações...»

— «Não, mãzinha — interrompeu Rita Maria. — Eu não vinha a brincar. Sei muito bem que a mãzinha não quere que se brinque com a bola dentro de casa!...»

— «Continuas a mentir!... Então, se não viesses a brincar, como poderia a bola ter ido bater na estatueta?»

— «Não sei... Saltou!...»

— «Mas quem a fez saltar?»

— «Eu cá não fui... Só se foi o Piloto!...»

— «E' demais!... Vou castigar-te severamente. O dinheiro que tens no mealheiro e aquê que eu depositara na Caixa Económica, destinado a uma boa prenda de Natal para ti, será para comprar outro tinteiro e outra estatueta. E enquanto não te emendares do feio hábito de mentir, não tornarás a jogar a bola, nem a brincar com o Piloto...»

— «Perdão, mãzinha! — soluçou Rita Maria!... Perdão, quê eu não torno!...»

— «Não te acredito, filha. Infilizmente não posso acreditar-te. É triste, muito triste para mim não confiar nas tuas promessas. Mas quando uma pessoa mente uma vez, dá aos outros o direito de nunca mais acreditarem nas suas palavras... E agora vai para o teu quarto até ao jantar. Pensa bem nas maldades que fizeste e no castigo que te dou...»

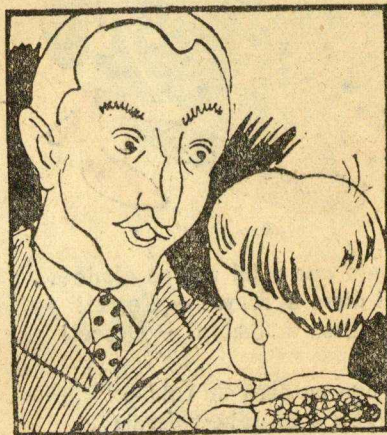
Rita Maria afastou-se a chorar. E enquanto a mãe ficava a vigiar o trabalho das criadas, que levantavam do chão os cacos e vidros, o José escapou-se sorrateiramente e foi ter com a irmã.

— «Rita Maria — disse o rapazinho. — Tenho muita pena de ti. És uma infeliz por teres êsse feitio. Nada lucras

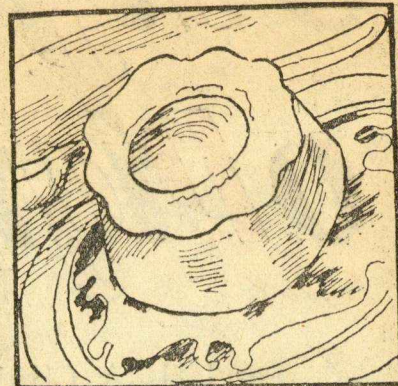
A MATEMÁTICA DO JOÃOZINHO

Por ARGENTINITA

Joãozinho é um menino,
Que, a-pesar-de ser ladino,
Tal como mil diabinhos,
E' da casa o «ai-Jesus!»
E é, também, a doce luz
Dos olhos de seus paizinhos.



Ora o nosso Joãozinho,
Que tem bom coraçãozinho
É bastante estudioso,
Tem o defeito, assás feio,
(Como outro não há, eu creio!)
De ser um grande guloso.



Pápa tudo, sem detença
Quanto encontra na despensa
Onde êle entra como um rato...
E logo, se é descoberto,
Diz assim, com modo esperto:
— «Ai não fui eu, foi o gato!...»

Certo dia, o professor,
Que estava de mau humor,
Preguntou-lhe, sem rodeio:
— «Se o menino fôr comprar
Um quilo de bom açúcar
Por quatro escudos e meio,

Oiça bem: — De leite um litro
Por um escudo, Joãozito,
(Conclue o méstre): O que dá?»

Mais uma dúzia de òvinhos
Por 5 bons escudinhos,
E mais 'inda, vamos lá!...

Logo o pequeno João,
Que ouvira com atenção,
Responde, então, com deleite
E muito ràpidamente:
— «O que dá? Mas, certamente,
Um rico pudim de leite!...»

em seres como és. Estás constantemente a ser castigada. Os pais desgostam-se contigo. As criadas não te podem ver. Tudo por seres mentirosa e desobediente...»

Rita Maria limpou as lágrimas raivosamente e exclamou:
— «E tu que tens com isso? Mandas em mim? És meu superior? Ou és padre e andas a prégar sermões?»
— «Não te zangues, rapariga. E acredita que me fazes pena...»

— «E tu a mim fazes-me raiva!...»
José fingiu que a não ouvia e prosseguiu:
— «Se tu quizesse... daqui em diante... quando tu estivesse a inventar qualquer das tuas formidáveis pétas, ou a arranjar desculpas mentirosas para as maldades... eu fazia-te um sinal... e tu calavas-te!... Depois... confessavas com sinceridade as tuas culpas... E nunca mais os pais se zangariam contigo, nem te castigariam, nem desconfiariam de ti!...»

Desarmada pelo tom carinhoso de José e pelas suas boas palavras e intenções, Rita Maria, as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, abraçou-se ao irmão. E baixinho, muito baixinho, assentiu:

— «Está bem. Faze-me êsse favor... E... muito obrigada!...»
Daí em diante Rita Maria transformou-se por completo, com o auxílio do irmão.

Um dia apareceu em casa com o bibe rasgado:
A mãe interrogou-a:
— «Como fizeste isso?»
Rita Maria começou a tartamudear:
— «Não sei!... Naturalmente foi o Tareco que mo rasgou sem eu ver!...»

Mas o José olhou para ela e fez um sinal. E logo a pequena se arrependeu da mentira e disse:

— «Não foi nada disso, Mãezinha. Tu estava a brincar com o bichano. Peguei nêle pela cauda. O Tareco assanhou-se, atirou-se a mim e, com as unhas, rasgou-me o bibe!...»

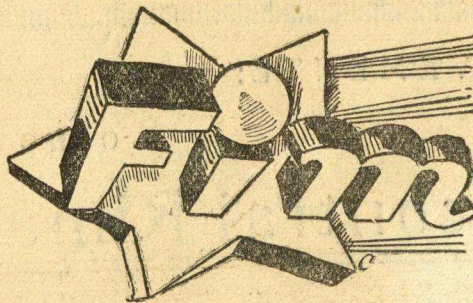
A mãe repreendeu-a por fazer mal aos animais. Mas como ela não mentiu, como ela confessou lealmente as suas culpas, não a castigou.

Doutra vez apareceu partido um vaso grande, no quintal.
— «Quem partiu o vaso?» — interrogou o pai.
Rita Maria ainda se lembrou de responder:
— «Eu cá não sei!... Só se foi o Tareco ou então o Piloto!...»

Mas considerou porque viu o José a olhar para ela, a fita-la com insistência. E disse a verdade:
— «Fui eu, paizinho. Andava a saltar a corda. Esta prendeu-se no vaso. Eu puxei e o vaso caiu e partiu-se.»
— «Para outra vez tem mais cuidado!... Até mesmo para brincar se quere juizo e prudência!...»

Mas como a Rita Maria não mentiu, não foi castigada. Então a pequena pensou:
— «Realmente é mil vezes mais cómodo não mentir. Se eu tivesse inventado qualquer desculpa, estava agora de castigo, ouvia uma formidável descompostura e desgostava os meus pais: O José tem razão. Nada se luta com mentiras. Daqui para o futuro, esforçar-me-ei por não voltar a mentir...»

Rita Maria prometeu e cumpriu. Não mais o irmão teve necessidade de lhe fazer sinal, para evitar desculpas mentirosas. E hoje os meus pais sentem-se orgulhosos com o carácter leal, firme e verdadeiro dos seus dois filhos.



O Gigante e o Pigmeu

Por LAURA CHAVES



A Noite apagou o Sol
e disse assim: — Durma tudo!
Encolheu-se o caracol,
o melrito ficou mudo,
e desde o monte á charneca
tudo fez uma soneca.

A Noite, muito feliz,
julgando ficar sôzinha,
foi metendo o seu nariz



té na mais reles covinha...
Tanto a Terra como o Céu
eram negros como breu.

A Noite subiu ao monte,
desatou a passear,
foi beber água na fonte,
ver os frutos do pomar,
aspirou o aroma à flor
que á noite cheira melhor.

Depois, desceu para o rio,
saltitou de frágua em frágua
e sentiu um arrepio
ao beijar, de leve, a água...
que, por estar negra e sombria,
nem a Noite reflectia.

Quando a Noite ia avançando,
serena, altiva, importante,
viu, numa sebe, dansando,
qualquer coisa cintilante
e disse com soberbia:
— Quem é que me desafia?..

Quem será o deus tão forte
que desobedece à Noite?!
Vou sumi-lo, dar-lhe morte,

para que a tal não se afote...
E disse à Treva: — Correi!
E disse à sombra: — Descei!

Logo as duas de roldão
sôbre a tal sebe rolaram...
Tornaram mais negro o chão
mas à luz, não a taparam.
Quanto mais negrume havia,
mais brilhava, mais se via!

Vai a Noite, furiosa,
deitou chuva, deitou vento,
fez-se má, fez-se invernosá,
mas foi baldado êsse intento,
nada com isso lucrou
porque a luz não se apagou!

E quem seria, afinal,
essa, fôrça, êsse poder,
que a Noite e seu vendaval
não conseguiram vencer?...
Era um simples pirilampo
que esvoaçava no campo!

O que é melhor, penso eu,
porque a vida assim o atesta,
é ser gigante ou pigmeu...
O meio termo não presta.

BRIE VEMENTE:

O NOVO E ORIGINAL CONCURSO:

Encontrai Rimas e Fixai Conceitos

E OUTRAS SURPRÊSAS